

Crónica de Calorinha e Calorão em Terras de Angola

Março 2016

...até Luanda

Aos 5 de Março de 2016 partiram Maria Carlos e Ticha com destino a terras de Angola. Malas carregadas até ao limite do peso possível com produtos de primeira necessidade para qualquer eventualidade: Com a descida do dólar o kwanza nada vale, tudo escasseia, incluindo alimentos, e o que existe está a preços proibitivos. Já prontas a entrar no avião, Maria Carlos é chamada ao porão por causa do conteúdo de uma das malas. Com o seu alentejano ar angélico aproxima-se do balcão de embarque onde lhe é dito que uma das malas levava um objeto não identificado potencialmente perigoso. Maria Carlos: “deve ser o bacalhau e as duas latas de azeite...”. “Não, isso não dá problema, é mais grave”, afirmaram os funcionários. E foi levada por corredores escostos até ao espaço onde se estavam a “filtrar” as malas para entrarem no porão do avião. Fiquei cá em cima gargalhando, a consciência tranquila porque acreditávamos não levar nada de ilegal e mantendo esta peculiar boa disposição que me toma quando viajo para terras africanas. Passados cerca de 20 longos minutos Maria Carlos regressa com o seu inocente ar inalterado: “obrigaram-me a abrir a mala azul porque, por Raio X, havia sido identificada uma carga potencialmente “perigosa”. Aberta a mala o agente da autoridade, muito grave e sério, foi direto ao corpo do delito: tinham sido detectados 3 molhos de fogo de artifício – aquelas “perigosas” estrelinhas que costumamos usar pelos santos populares ou em festas de aniversário, compradas muito baratas no Continente e que se destinavam a uma das celebrações com o grupo do Graal no Lobito. A “pólvora” que contêm – perigosos explosivos, potencial bomba... - claro que se constituía em “ameaça” à segurança do voo e não havíamos pensado nisso! O sério agente, descontraindo aos poucos, avisa a Maria Carlos: “Vai ter de fazer a sua festinha sem isto!”. As inocentes estrelinhas ficaram retidas na Portela aguardando o 13 de Junho ou o bolo de uma qualquer festa de aniversário! Curiosos, os demais passageiros fitavam o nosso ar aliviado e olhavam para os relógios por causa do pequeno atraso. Viagem sem incidentes entre cabecear e uns

filmezinhos estúpidos. Ah, falta-me falar do meu dente/pivot! Já em processo de descida meti uma pastilha elástica na boca para ajudar a destapar os ouvidos por causa do rápido movimento de descida. Eis senão quando, fito a MC consternada: um dente/pivot implantado na gengiva direita soltou-se e “aderiu” à pastilha elástica: cuidadosamente, tomo em minhas mãos pastilha e dente, separo-os e guardo o pivot embrulhado num lenço de papel... até ao meu regresso. O incidente do Uganda tinha-se repetido: feitiços!....

Sobrevoando Luanda que não visitava desde 1987 – onde estivera em trabalho em plena guerra civil - pude constatar o “exponencial aumento” de musseques em redor do centro da cidade de onde emergiam prédios super-modernos e luxuosos. Ao abrirem as portas do avião o bafo quente com cheiro a África emergiu. Nesse preciso momento Maria Carlos passa a chamar-se *Calorão*, estado penoso e permanente em que viveu estas duas semanas. A sua companheira de viagem, que “floresce” com o calor, passou a chamar-se automaticamente *Calorinho*. Deliberadamente se tomou a liberdade de retirar a letra **Z** servindo de metáfora a um estado de permanente bem-estar. Calorão e Calorinho em vão esperaram no aeroporto que as viessem buscar: um 1º teste a um outro ritmo de vida. Passada uma significativa hora – valeram os leques que Calorinho comprara nos chineses do Lumiar - lá apareceu um motorista que nos colocou num hotel perto da “Cidade Financeira” – a Sandra, que nos iria receber para dormir, afinal não estava disponível. Entregues aos prazeres do ar condicionado as nossas viajantes entraram num curto sono profundo: no dia seguinte tinham que estar no aeroporto às 5.00 da manhã para apanharem o único voo diário para o Lobito. Calorinho não conta a saga do excesso de bagagem detectado pela TAAG (pelos vistos a TAP havia sido mais tolerante...) que nos obrigava a pagar kwanzas aos milhares. Mas como não havia “sistema” e após longa espera por um sistema que não vinha, acabaram por nos permitir embarcar com as bagagens mas sem pagar excesso, para grande tristeza de uma prepotente funcionária.

No Lobito

Teresa Muenho e filha esperavam-nos no aeroporto. Uma alegria rever a Teresa e conhecer a sua magnífica filha já com 5 anos. Depois de uma paragem forçada em casa da Mãe – um buracão na rua esventrou um dos pneus do carro de caixa alta – e de um almoço perto da barra (com outros elementos do Graal que se juntaram a nós), perfeitamente estafadas e calorentas (mesmo a Calorinho!), fomos depositadas na casa

renovada da Rita (com ar condicionado, sim!) situada no morro, fora do centro do Lobito, num bairro chamado de *Lixeira* (sic!), cada uma em seu quarto, numa cama óptima onde caímos redondas. As reuniões iniciaram-se no dia seguinte num acolhedor pátio da casa, este sem ar condicionado, e o leque da Calorinho passou a viver em frenética agitação – na ausência do leque da Calorão deixado num táxi ou carro de alguém.

A terra vermelha que sobrevoámos ao chegar a Luanda tornara-se terra beije/acinzentado no Lobito. Quando chovia – e o calor imenso, como que sem poder mais, rebentava em chuva (estamos ainda em plena época das chuvas) escorria uma espécie de lama acinzentada. No bairro onde estávamos alojadas as crianças – tantas, tantas, a emergir de todos os cantos - faziam bonecos de barro (natural). Outras brincavam com montinhos de pedras arredondadas quais vendedeiras tradicionais de fruta (pouca!) ou legumes nas esquinas da ladeira. No 1º domingo passado no Lobito fez sucesso entre as crianças uma distribuição de coloridas pétalas de rosa cheirosas em pano, compradas nos chineses do Lumiar (“cheirinho para a roupa”, explicava eu); noutro dia as amêndoas não chegavam porque as crianças nunca mais acabavam de emergir e ainda pediam para as mães ou para uma avó; finalmente mais enfeites para a cabeça e braços das meninas com os rapazinhos mais velhos a olhar de soslaio e a empurrar os mais pequeninos para a frente não fosse eu não reparar nas suas caritas ansiosas.



Sacassange

Acredito profundamente que entre estas crianças não há o famigerado *bullying* do hemisfério norte. Aprendem desde muito pequenas a cuidar umas das outras. Quando lhes perguntava se tinham sido as mães a entrançar aquelas cabecitas cheias de bolinhas de todas as cores as

meninas respondiam que não, que tinham ido “ao salão”... enfim, tempos de trabalho especializado... Assim fui-me habituando a ver pezitos passeando do outro lado do portão fechado.

As reuniões com o grupo emergente do Graal no Lobito foram produtivas como podem ver se forem à Página do Terraço – apenas deixo aqui alguns nomes: Teresa Muenho, Patrícia Muenho, Elsa, Isa, Fátima, Rita. A Renata estava em Luanda com um bebé recém-nascido a fazer a sua especialização para se tornar juíza (quando regressámos a Luanda ela visitou-nos e “jantou” connosco, na aprendizagem que fizemos de pôr mais uma cadeira à mesa e a dividir o alimento que há...

Graal no Lobito:



... um grupo de grandes mulheres agregadas e congregadas por uma família alargada que as ajuda a cuidar dos filhos, a conciliar vida profissional e familiar, algumas fazendo estudos à noite para poderem ter uma chance melhor na vida – isto tudo sem perderem tempo de lazer sempre que possível, mantendo a boa disposição, sentido de humor, a alegria de viver (“Tudo bem, nada mal”, à maneira de Moçambique). Pessoalmente estive numa espécie de “reciclagem” interior que se transformou em profunda aprendizagem de vida. Em resultado do nosso planeamento combinámos que a intervenção delas nas respectivas comunidades se iria centrar, nas “meninas” – seguindo a orientação das Nações Unidas de fazer uma intervenção mais sistemática com elas, apoiando o seu desenvolvimento, escolarização, projetos de vida, de modo a evitar gravidezes precoces e consequente abandono dos estudos.

Ainda nos deslocámos a Benguela para visitar a Maria João, do Graal-Lisboa, que faz voluntariado com os Leigos para o Desenvolvimento. Mesmo sendo perto, tudo se torna “longe” por causa das estradas cheias de trânsito, de buracos a complicar a fluidez do tráfego,

motorizadas-táxi a meterem-se por todos os lados ou carrinhas-Toyota-táxis literalmente cheias de pessoas compactadas (não são “chapas” como em Moçambique, são táxis colectivos) também a meterem-se por todos os lados para levarem a sua “carga” a bom termo.

As fabulosas praias da Restinga, no Lobito, só foram vistas por Calorinho num dia em que, partindo de dia da nossa casa de luxo no “bairro do lixo”, chegámos à praia já era uma valente noite. Apesar disso nossos corpinhos desidratados deliciaram-se numa água saborosa qual “caldo verde” bem morno. Era ver Calorão com os pés a desinchar, a desinchar.



Era ver Calorinho a saltitar enquanto afugentava caranguejos que, prematuramente, se haviam instalado no espaço reservado aos humanos. Calorão regressou ainda uma vez à praia noctívaga enquanto Calorinho, mais resistente ao calor, convivia animadamente com os familiares depois de um produtivo dia de reuniões: companheiros, maridos, primas e primos, filhos e seus primos, etc. etc., juntaram-se a nós trazendo mais comes e, sobretudo, bebes, muita água gelada, refrigerantes e um simpático e celebrativo *vodka negro* para quem o podia provar. Ao almoço eu havia cozinhado o absolutamente divinal e salgado bacalhau assado com batatas a murro – bacalhau esse que trouxéramos na bagagem... -, bem regado com azeite Gallo – que também viajara connosco desde Lisboa –



Regressámos à terra vermelha de uma Luanda calorenta, um calor abafado e poluído como que emergindo da terra e dos buracos no asfalto.

Tal como no Lobito, as acácias ainda verdes e sem flor anunciavam um florir vermelho escuro a qualquer momento. Calorinho e Calorão eram esperadas nos alojamentos da Embaixada pela a Inês e a Laura – os nossos “anjos da guarda”, um bem loiro, outro moreno - que nos levariam ao Lwena. Como o projeto do Lwena é financiado pelo Instituto Camões tínhamos direito a beneficiarmos das suas instalações, em plena Luanda de hotéis luxuosos e edifícios onde crescem como cogumelos inúmeros bancos. A qualidade destes apartamentos é realmente notável, dignos de ilustres “visitas de luxo” como nós. Cá fora, Calorão sofria:



Visitámos o centro/projeto “Mosaiko” (Instituto para a Cidadania) – fundado pelos Dominicanos - destinado à formação e promoção (em todo o país) de iniciativas ligadas à defesa e promoção dos direitos humanos. Jovens advogados, ainda estagiários, fazem assessoria aos casos que a “Mosaiko” apoia. Um oásis num país com um deficit de democracia, em que não se fala “à vontade” por causa da ainda recente guerra civil e de toda as coisas e situações que muito bem conhecemos (pelo menos através dos meios de comunicação social). Descrever este projeto absolutamente exemplar dava outra crónica que, de momento, Calorinho ainda não tem tempo de escrever.

De Luanda ao Lwena

Se em Luanda se fala umbundo, no Lwena (erradamente escrito Luena) fala-se tchokwe. O português é a 1ª língua, claro... para quem o sabe falar. O mapa seguinte demonstra os complexos itinerários de Calorinho e Calorão: Lisboa-Luanda-Lobito-Benguela-Lobito-Luanda-Lwena (via Saurino)-Luanda-Lisboa. Um interessante fazer e desfazer de malas, mas

agora mais transportáveis: uma parte dos alimentos que Calorinho e Calorão levaram ficara no Lobito para grande alívio das nossas viajantes. Creio que foi a partir de Lwena que passámos a viajar com uma mala metida dentro da outra....

Uma tempestade bem sub-tropical impediu-nos de aterrar no Lwena e fez desviar o avião para o Saurino (ver mapa). Ali, “empurradas” para fora do avião, aguardámos com infinita paciência e uma não menor dose de sono, que este pudesse novamente levantar voo. O Lwena, no planalto leste, tem um clima mais ameno – entendemos então porque os portugueses lhe chamavam Luso no tempo colonial: era um fresco local de veraneio, tipo “termas” para os acalorados da costa oeste. Viajámos em conjunto com o bispo D. Clóvis, um salesiano da Argentina curtido em 30 anos de África: ficámos alojadas na sua residência, uma ampla casa construída à volta de um pátio interior, sem quaisquer luxos – tomei banhos à força de bacias de água, a Calorão, com a sua proverbial bonomia, sentava-se na cama a ver ratinhos pequeninos “esvoaçar” pelos cortinados do seu quarto. Sim, as camas tinham levíssimas redes mosquiteiras. Apesar do tradicionalmente eficaz repelente de mosquitos, Calorinho teve de usar abundantes camadas de *Fenistil* para aliviar sucessivas picadas que exploravam o seu doce sangue. Fazendo jus à tradição africana aquela casa episcopal era um lugar de passagem – com a permanência de alguns poucos – onde se alargava alojamento e refeição conforme as idas e vindas de missionários – padres e leigos/as – das partes mais recônditas de uma diocese que tem, nada mais nada menos, que duas vezes e meia o tamanho de Portugal!

No sábado o amigo Valter (argentino à espera de se tornar padre) levou-nos à aldeia de Sacassange com desordenadas cubatas aonde coexistiam amenamente uma capela católica e seu “catequista” e um templo baptista. À sombra de uma árvore cabeceava um homem a ler a sua bíblia em tchokwe (de certeza um baptista pois, infelizmente, em geral não vemos católicos a carregar suas bíblias), talvez fosse o “catequista”.

Outros homens jogavam cartas enquanto mulheres e meninas mais velhas se afadigavam em torno do pilão e de uma incipiente fogueirinha onde se iria cozinhar o frugal almoço. Pela primeira vez vi uma mulher no pilão a “picar” folhas verdes de abóbora que traziam ferro e colorido à refeição.



Os meninos, esses, mal cheiravam a Calorinho, esvoaçavam à sua volta quais borboletas, chegando as cabecitas, por vezes acariciando o meu cabelo liso e exultando com a minha admiração face à sua literal beleza e, sobretudo, serenidade.



No domingo Calorinho foi à missa na paróquia de Nossa Senhora das Vitórias onde celebrou D. Gonçalinho, o espanhol carmelita, bispo emérito de Cumbrios, Equador, de mais de 80 anos – uma narrativa que fica para depois - e que afirmava com convicção que queria acabar os seus dias como missionário. A seu pedido, o bispo havia-o “colocado” numa das mais recônditas paróquias da diocese, aguardando Abril para partir. Ao longo dos dias foi-nos contando histórias do que era a Teologia da Libertação vivida no Equador.



Na missa abundavam crianças porque esta missa era especial para elas. Ao domingo vestem-se com as suas melhores roupas, cabecitas entrançadas ou calções e sapatos elegantes, deambulando no adro da igreja depois da missa, os mais pequeninos/as

agarrados aos mais velhos, encantados com as fotografias que Calorinho lhes pedia para tirar e lhes mostrava logo a seguir para seu grande encantamento.



A disponibilidade do bispo levou-nos a uma visita a Moxico Velho, num jipe de tração às 4 rodas, conduzido por ele próprio por veredas de terra vermelha, poças de chuva, raízes e troncos e água abundante, quais riachos cor de terra vermelha. Segurávamo-nos aonde podíamos, lembrando-nos que foi por estas paisagens que a guerra civil havia sido mais dura. A certa altura o jipe ficou atolado. O bispo arregaça as mangas, saca de umas cordas de aço semi-elásticas que agarra a uma ou duas árvores. Os dois muito jovens seminaristas que nos acompanhavam saltam também do veículo, puxam as cordas presas à parte fronteira do jipe e lá vem S. Exa, qual pluma para fora do buraco. Tudo feito com enorme rapidez e à vontade tal é o hábito de passar por estes incidentes quando se visita as áreas mais dispersas desta diocese. Pelas bermas cruzávamos pessoas: mulheres e meninas acarretando água, homens e rapaziños cavando terra. Ouvíamos: “Eh, bispo!” e acenavam, sendo correspondidos afectuosamente pelo bispo “todo-o-terreno”. Puro encantamento. Vidas duras e alegres, a transbordar esperança.

Esperava-nos um pequeno santuário-capela do tempo colonial recentemente restaurado e assistido por um mui idoso monge beneditino natural de Anha-Chafé que falava com um conhecido sotaque bem... minhoto. Três irmãs mexicanas trabalhavam com as mulheres da aldeia enquanto decoravam a belíssima recentemente reconstruída capela com grinaldas azuis e brancas e balões da mesma cor. Um susto! O bispo meneava a cabeça: “que vou fazer destas irmãs que ainda não perceberam África?”... inculturando-a com “mañanitas” e efeitos visuais mexicanos.

Calorinho passou os dias seguintes a fazer a avaliação do projeto MAP, coordenado pela Calorão. Eis a “equipa maravilha” como lhe chamou a Inês:



O projecto forma líderes locais usando a metodologia TtT de que uma das formadoras é especialista credenciada em Kleinmond na África do Sul. Calorinho desfez-se em entrevistas (incluindo o bispo), observação de reuniões, de interações, etc... tirando abundantes notas como só ela sabe fazer: iam-se desenhando os pontos fortes do projecto mas também as inerentes limitações.

Pouco tempo para ir ver as acácias que ousavam o seu verde fresco mas, de longe, elas acenavam os braços a Calorinho fazendo promessas de que nos veríamos novamente. Com o grupo do Graal do Lobito fiquei de regressar em Janeiro. Lobito não é assim tão longe do Lwena: é só atravessar... o país!

Despedimo-nos da casa que se desdobra à volta do pátio interior, da hospitalidade dos seus inúmeros habitantes, de um bispo que se levanta às 4 da manhã para nos dizer adeus. Dizia Calorão: “estás convertida aos bispos!”. “A este, sim, sem qualquer dúvida!” responde sem hesitar Calorinho.

Era tempo de regressar mais uma vez ao bafo quente de Luanda. Lá fomos fazer um sono breve e refrescante no apartamento do Instituto Camões. Luanda, lamento dizê-lo, só de passagem: a não ser que consiga viajar com alguém mesmo de lá que me conte os segredos de uma outra Luanda que não a que vi. No avião para Lisboa Calorinho ia cabeceando em cima desta crónica que já vai longa. Um belíssimo romance – “A Trança” do angolano Manuel Rui - fá-la antegozar tempos saborosos a lembrar Angola: verbos como “gargalhar”, “janelar”, etc antecipam uma poética e divertida leitura. O anúncio da aterragem presenteia-nos com 16 graus em Lisboa. Luanda e Lobito haviam aconchegado Calorinho com mais de 35 graus: artrites e outras mazelas estavam esquecidas!

Aterradas na Portela, Calorão volta a ser M^a Carlos e Calorinho volta a ser Ticha até uma próxima viagem. Nas malas transportam “panos” (em Angola chamam-se assim e não capulanas), um deles um colorido e

geométrico pano “macaca”, o mais típico de Angola, que já foi sorteado na Golegã... para ver se recomeçamos as obras da “Casa”. Calorinho-Ticha tem fechado os olhos ao longo destes dias e não é só de cansaço: as cores, os cheiros, os abraços, a alegria, a música e o canto, as promessas, inundam-na de gozo e esperança. Que feitiço tem África? Porque ama Calorinho tanto África? Vou pensar nisso, prometo.

Para já, “graniza” sonoramente aqui em Lisboa, ao terminar estas linhas. E esta, hein?

Na Semana de todas as semanas vivemos as perplexidades que nos rodeiam na certeza de que a Vida e a Plenitude triunfarão!

Criar criar
paz sobre o choro das crianças
paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato
paz sobre o ódio
criar
criar paz com os olhos secos.
Criar criar
criar liberdade nas estradas escravas
algemas de amor nos caminhos paganizados do amor
sons festivos sobre o balanceio dos corpos em forcas
[simuladas
criar
criar amor com os olhos secos.

(Agostinho Neto)

Abraço a todas e todos

Ticha